PRECONCEITO ÉTNICO NA ESCOLA

LETÍCIA PEREIRA DA SILVA BARBOSA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a presença e a persistência do preconceito racial no ambiente escolar, com ênfase nas experiências vivenciadas por alunos negros e nas práticas pedagógicas que, muitas vezes, reproduzem estigmas e desigualdades. A análise parte da compreensão etimológica e social do termo "preconceito", entendendo-o como um julgamento prévio capaz de ferir, excluir e inferiorizar, especialmente quando direcionado à população negra, historicamente marcada pela escravidão e pela marginalização. O estudo evidencia que o racismo, ainda que negado por parte da sociedade brasileira, manifesta-se de forma sutil e cotidiana, inclusive dentro das escolas, espaços que deveriam promover a igualdade e o respeito à diversidade.

Com base em autores como Kabengele Munanga, Ben Marais e Rachel de Oliveira, a pesquisa denuncia o mito da democracia racial, que encobre a desigualdade e legitima práticas discriminatórias ao propagar a falsa ideia de que "somos todos iguais". Tal discurso, presente na educação eurocêntrica, contribui para a invisibilização das contribuições e identidades afro-brasileiras nos currículos escolares, reforçando estereótipos e alimentando a exclusão. Nesse contexto, o papel do professor é central: sua formação e consciência crítica são fundamentais para desconstruir preconceitos e adotar práticas pedagógicas inclusivas e afirmativas.

O trabalho propõe a valorização da história e da cultura afro-brasileira desde a educação infantil, estimulando o reconhecimento da identidade étnica e a autoestima de crianças negras. Exemplos de personalidades como Zumbi dos Palmares, Carolina Maria de Jesus, Benedita da Silva e Rui Barbosa são apresentados como referências de resistência e protagonismo. Além disso, defende-se que o enfrentamento ao racismo deve ser um compromisso coletivo e contínuo, pautado na reflexão crítica, no diálogo e na promoção de políticas educacionais voltadas à equidade racial.

Conclui-se que o combate ao preconceito racial na escola exige a superação da indiferença e do silêncio, substituindo o "escamoteamento da desigualdade" por práticas pedagógicas transformadoras. Somente através da conscientização e do

conhecimento é possível romper com os paradigmas discriminatórios e construir uma educação verdadeiramente democrática e inclusiva.

Palavras Chaves: Preconceito racial. Educação inclusiva. Diversidade étnico-racial. Identidade afrodescendente.

INTRODUÇÃO

A palavra Preconceito é formada pelo prefixo latino "pré" (anterioridade, antecedência) mais o substantivo "conceito" (opinião, reputação, julgamento) é arma de destruição, que magoa, infelizmente o negro no Brasil e no mundo é discriminado em vários aspectos, vestuário, religião, raça, características físicas, posição social e pela opção de assumir sua própria origem.

Contudo, vamos mostrar que existe o preconceito racial em sala de aula, referente aos alunos negros é para isso iremos explicitar, conteúdo crítico sobre o preconceito racial na educação, apontar proposta para mudar a visão dos professores e alunos.

O preconceito racial existe e está bem presente em nossa sociedade, com até mesmo com a demora estabelecida pela justiça de ter seus reclames respondidos, a pessoa discriminada perde a esperança de que esta situação vai mudar porem essa concepção de mudança deveria ocorrer dentro das salas de aula, seja ela do professor para o aluno, do aluno para o professor e de aluno para aluno.

Novos olhares trazem critérios afirmativos dessa concepção, que poderá ser adicionada e mudada na educação.

O nosso intuito em estar abordando e se aprofundando neste assunto é o descaso que se dá, ou a falta de interesse sobre o caso Étnico Racial.

Pouco se fala sobre o assunto, nas escolas,

as crianças com a pele escura, ou seja, afrodescendentes costumam se excluir ou pior ainda não se identificam com a pele escura, ou seja, não se identificam com o seu semelhante, com sua origem étnica, e sim passam a se enxergar, se identificar em etnias diferentes da sua.
É importante trabalhar o assunto em si, dentro das salas, de aulas, desde a educação infantil até o ensino fundamental, tratando o assunto desde a menor idade, deve-se abordar com as crianças questões sobre a importância de sua identidade, do seu reconhecimento e divulgar nomes de pessoas afrodescendentes que foram e são

importantes. 1º Zumbi, chefe da República dos Palmares e símbolo da luta do negro contra a escravidão. 2º Carolina Maria de Jesus, autora do livro "Quarto de Despejo", um dos maiores sucessos editoriais da década de 60, Favelada, contou nas páginas do livro o drama e as condições dramáticas em que vivia e ainda vivem as populações faveladas, especialmente negras. 3º Benedita da Silva, a mulher negra que teve a trajetória política mais relevante, de vereadora a governadora do Estado do Rio de Janeiro. 4º Rui Barbosa, brasileiro afrodescendente, talvez o mais importante político.
Do livro: Superando o Racismo na Escola, Kabengele Munança.
Muitas de nós não recebemos formação de cidadãos, de professores e educadores o bastante para enfrentar os desafios que a problemática da convivência com a diversidade, à discriminação e sua manifestação. O objetivo no processo de formação dos futuros cidadãos, e que não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica, consciente ou inconscientemente reproduzimos preconceitos que se faz presente na nossa sociedade.
Conscientizados dessa realidade, certificamos que na escola, em sala de aula os instrumentos que temos os livros, materiais didáticos visuais e áudios visuais que contém os mesmos conteúdos, preconceituosos, depreciativos em relação aos povos e cultura que não que não vieram do ocidente. Estes preconceitos estão presentes no "cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar".
Alguns professores têm introjetado o preconceito e por falta de preparo não lançam mão de situações, de flagrantes de discriminação no espaço escolar, e o momento pedagógico de certa feita seria o momento para se discutir a diversidade, e conscientizar seus alunos da importância e quanto e rica nossa cultura consequentemente à nossa identidade nacional.
Em muitos casos se praticam a política do "coitadinho" por outro lado a atitude responsável consistiria em mostrar que a diversidade não é fator de superioridade e inferioridade entre as etnias, mas um fator de enriquecimento da humanidade em geral; auxiliando o aluno que se sente discriminado, à assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença.
O professor preconceituoso e incapaz de profissionalmente lidar com a diversidade, por outro lado os recursos, livros e os materiais didáticos explicitamente, trazem seus conteúdos o preconceito, também entre os alunos de diferentes de diferentes ascendências étnico-raciais ocorre relações preconceituosas que

desestimular o aluno negro, onde vem prejudicar seu aprendizado. E assim deparamos com o coeficiente de repetência e evasão escolar de grande número do alunado negro, em comparação do alunado branco.

CAPÍTULO I
O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL ESCAMOTEANDO A DESIGUALDADE
Quando qualquer pessoa no Brasil fala em racismo, qual é a imagem humana que geralmente lhe vem á mente? Acertou: é a do negro. O racismo no Brasil é um fenômeno muito marcante e arraigado na sociedade, provocando atos preconceituosos e racistas até os dias de hoje, reflexos do processo de escravização de negros vindos de diversas partes da África, hierarquicamente inferiorizados, apesar da "Abolição da Escravidão" é preciso reconhecer que o racismo existe no Brasil, obviamente que em menores escalas, contudo a discriminação racial ainda resiste ao tempo.
Para compreender o presente devemos analisar o passado.
Um grande estudioso deste assunto chama-

do Ben Marais, em sua obra Racismo e Sociedade, declara que:
Há uma relação muito próxima entre a escravidão a que foram submetidos os negros e a recusa às pessoas de cor negra... 'O estigma em relação aos negros tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que levaram os povos negros à escravidão'. Daí o negro ter se convertido em símbolo de sujeição e de inferioridade. E este conceito negativo sobre o negro foi forjado. (RUIZ, 1988, p100).
Nesse mesmo contexto Kabengele Munanga afirma:
A ignorância em relação à história dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso, mas as necessidades econômicas de exploração, predispuseram o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. O negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica (MUNANGA, 1986, p.19)
As marcas do racismo e suas maléficas consequências permaneceram, já que estes preconceitos sobrevivem às gerações. A discriminação e o preconceito foram se fortalecendo a cada dia, criando fortíssimas raízes no imaginário popular, chegando ao ponto no qual encontramos hoje.

O racismo é uma prática diária e difundida. Ele é onipresente e forte. Já chegamos a um ponto crucial para entender o que é escamoteamento da desigualdade.
Segundo definição do dicionário Aurélio:
Escamotear 1. Fazer desaparecer sem que se note. 2. Furtar com destreza. 3. Encobrir com subterfúgios. 4. Fugir sorrateiramente. (2001, p. 279)
O discurso de que "somos todos iguais", disseminado no Brasil a partir dos anos 1930 e 1940, depois de pesquisas sociais e antropológicas, ocorre uma suposta valorização da mestiçagem do Brasil, assim surgindo o mito da democracia racial no Brasil.
Pela perspectiva da Igualdade Racial, acredita-se que o Brasil é um país que "recebe todas as raças e etnias de braços abertos", por ter sua nação composta por um povo tão plural, fruto da mistura de raças. Criou-se um imaginário poderoso, essa noção foi largamente difundida e até assumida por grande parte da população negra e branca, marcando presença nas falas, nas práticas e nas políticas públicas que contribuíram e muito para construção desse mito, negando os conflitos e as tensões, afirmando-se que na mistura de raças somos todos iguais, empenhando o exercício de uma sociedade amigável.
A educação é um campo com sequelas profundas de racismo, pra não dizer, um veículo de comunicação da ideologia racial branca. Quase nada aprendemos em nossa passagem pela sala de aula sobre contribuições, valores, história e realidades relacionadas ao negro no Brasil. Essa constatação não só é feita no que diz respeito ao ensino básico, mas vai se reproduzir na instancia de preparação dos educadores, ou seja, no ensino superior.
Se nós professores e futuros professores negarmos a existência das diferenças e suas consequências em nossa sociedade e dentro de nossas escolas, como adotaremos práticas para promoção da igualdade das relações étnico-raciais ou outras como posicionarem-se contra o que supostamente não existe? Comprometendo-se a adotar políticas de ações afirmativas e concretas contra a discriminação.
É de suma importância o reconhecimento do racismo que ainda permeia nossa sociedade, para discutirmos sem medo, comum de ver quando o assunto é abordado, não conversamos abertamente sobre as diferenças, nota-se certo embaraço quando o assunto é desigualdade racial, até mesmo na escola, que deveria ser um local

privilegiado, ambiente de debate, diálogo, problematização, criticidade, posicionamento frente às questões da sociedade que nos envolve.
Conforme ilustração de Fernando Henrique Cardoso:
"Racismo e ignorância caminham sempre de mãos dadas. Os estereótipos e as ideias pré-concebidas vicejam se está ausente a informação, se falta o diálogo aberto, arejado e transparente".
Não há preconceito racial que resista á luz do conhecimento e do estudo objetivo. Nes-

te, como em tantos outros assuntos, o saber é o melhor remédio. (Ministério da Educação, 2005, p.9)

1.1 Retrato de uma triste realidade

Ainda encontramos muitos educadores que pensam que discutir sobre relações raciais não é tarefa da escola. Tal argumento demonstra uma total incompreensão sobre a formação histórica e cultural da sociedade brasileira. E, ainda mais, essa afirmação traz de maneira implícita a ideia de que não é competência da escola discutir sobre temáticas que fazem parte do nosso complexo processo de formação humana. Diante disso, dentro dos muros da escola, temos alunos negros sofrendo preconceito e desenvolvendo uma autoestima acentuadamente baixa.
Seguindo essa mesma compreensão Jean Piaget por Yves de La Taille afirma
que:
Não somente a coação leva ao empobrecimento das relações sociais, fazendo
com que na prática tanto o coagido quanto o autor da coação permaneçam isolados, cada um no seu respectivo ponto de vista, mas também ela representa um freio do desenvolvimento da autonomia. [...]. Verifica-se que o indivíduo coagido tem pouca participação racional na produção, conservação e divulgação das ideias. No caso da produção ela simplesmente não participa, contentando-se a aceitar o produto final como válido. Uma vez aceito esse produto, o indivíduo coagido conserva, limitando- se a repetir o que lhe impuseram. (1992, p.19)
Este é o caso de Jéssica uma garota negra que no cotidiano escolar, é constantemente exposta a imagens e expressões pejorativas, mas consideradas naturais e corriqueiras aos olhos dos professores e da direção da escola. Ela tem seus sentimentos feridos e sente que luta sozinha contra a agressividade dos colegas de classe em relação á sua cor. Ao mesmo temo nega tudo que se refere à cultura afro- brasileira. Um dia, um incidente mobilizam sua família e sua escola, fazendo-os se

envolver com sua história. Assim ela descobre que existem perspectivas para a resolução desse tipo de problema. História extraída do livro Tramas da Cor de Rachel de Oliveira[1].

[1] Rachel de Oliveira é paulistana, professora de ensino fundamental, mestre em educação pela PUC/SP e doutora pela Universidade Federal de São Carlos.
Segundo Rachel de Oliveira:
Essa história nasceu do desejo de transformar as expressões que causam desconforto no personagem real, ou seja, onde muitos passam por situações parecidas no cotidiano.

1.2 Um breve resumo da história de Jéssica

A sua maneira lutava sozinha com as brincadeiras em relação a sua cor, a sua cultura e religiosidade, quando seus colegas de classe agiam com brincadeiras agressivas que feriam seus sentimentos. A princípio ela nega tudo que se refere à cultura afro-brasileira, principalmente os princípios religiosos.
Diariamente Jéssica era insultada verbalmente, até chegar num determinado dia que não suportou o insulto dos meninos, agredindo fisicamente um colega de classe branco chamado Jeferson, causando com o lápis um moderado ferimento em sua face perto do olho, Jeferson de agressor virou vítima e o incidente causou propriedades enormes, chegando até o Conselho da Escola.
Jéssica ficou retratada como uma garota violenta e problemática: “Até a merendeira, quando a viu passar de olhos vermelhos disse: Eu sabia que isso ia acabar acontecendo. Tá vendo, mocinha? Agora a coisa vai ficar feia pro seu lado. Ninguém mais aguenta, você é daquelas que ajudam a transformar o recreio num verdadeiro samba-do-crioulo-doido, só se envolve em brigas!” [...] “A professora correu para socorrer o aluno e desesperada, dizia: Olha aí Jéssica, mais uma vez o resultado da sua violência, eu canso de pedir para vocês se comportarem!”. A menina tentava argumentar diante dos fatos, “Foi sem querer, foi sem querer. Ele me xingou, me xinga todos os dias...”. Entretanto a menina não tinha coragem de repetir as palavras que haviam lhe ofendido.
O acontecimento chegou ao conhecimento da família de Jéssica e Jéferson, a mãe do garoto se voltou contra a escola e contra a família da menina, insistindo em processar a todos. Uma tia de Jéssica, tia Aninha, que

era professora e militante de um movimento negro participou do conselho escolar para julgar o incidente no qual a

sobrinha se envolveu. Tia Aninha falou com propriedade sobre preconceito étnico dentro da escola, ajudando a diretora e os demais membros do conselho a buscar a valorização da diversidade na unidade escolar e a adoção de políticas educacionais, para que exista superação das desigualdades raciais e entregou um exemplar das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, para a os membros do Conselho.
Depois daquela reunião, a escola viu a necessidade de desenvolver com os alunos e toda a comunidade escolar atividades que favorecessem a discussão e reflexão sobre a questão do negro em nossa sociedade, as influências na nossa cultura e o respeito às diferenças.
Desfecho feliz.
A escola reelaborou o projeto pedagógico com base na Lei n° 10.639/2003 e no parecer 003/2004, que regulamenta e dá diretrizes para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, inaugurou a sala de leitura que estava desativada escolhendo uma mulher negra para ser patrona da sala, a escolhida foi a ilustre militante Lélia Gonzales[2], doutora em Antropologia Social e uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado.
E Jéssica...
Jéssica que era uma menina tímida e com problemas de socialização estava entre outras crianças, toda feliz, dentre essas crianças estava Jeferson que outrora era seu agressor, agora era um de seus amigos. Essa "alegria" refletiu em todas as suas relações, nos estudos, Jéssica ficou mais participativa nas aulas, recebendo muitos elogios de seus professores, na família, a menina começou a compreender melhor suas raízes afro e ficou mais disposta a ouvir os ensinamentos de sua avó sobre a Umbanda, em sua autoestima, criou autonomia e mais e ficou mais segura de si.

1.3 Um exemplo a ser seguido

A escola de Jéssica a partir da Lei tornou-se aliada no enfrentamento do racismo para além do território escolar, entenderam a lei como política de ações afirmativa definida como um conjunto de políticas dirigidas para o enfrentamento das exclusões, como um mecanismo que busca a equidade de oportunidades, principalmente no acesso a bens fundamentais como a educação e na busca da realização da cidadania.

A história de Jéssica nos leva a entender melhor as relações entre coercitivo e coagido, que muitas vezes acabam em agressões físicas, esses casos nem sempre recebem tratamento apropriado, por parte dos professores e direção, portanto, a postura da escola frente à situações de racismo na sala de aula, acaba sendo de "mantenedora difusora do preconceito racial entre os alunos, seja por omissão, seja por efetivas declarações racistas, pelo simples fato de desconsiderar a questão, por tratá-la como um problema menor ou inexistente" (Munanga, 2005, p.56).

CAPÍTULO II
COMO TRABALHAR A QUESTÃO ÉTNICA-RACIAL NA SALA DE AULA

RELATO DE PRÁTICAS

Letícia Pereira da Silva Barbosa, professora do 2º ano da EMEFM Rubens Paiva – São Paulo - SP
Através do livro Menina bonita do Laço de Fita, trabalhei a valorização da beleza negra, na qual o coelho da história ao ver a menina com pele e cabelos negros, se perguntava, porque não tinha pelos negros como ela, pois possuía pelos brancos. No primeiro momento, questionei as crianças sobre a data 20 de novembro,
para levantar dados, saber o que sabiam sobre o assunto e o que comemoramos nesse dia, muitos não sabia responder, a partir das perguntas surgiram várias respostas interessantes:
"– É o Dia da Abolição dos escravos!" "- O que é isso Bulição, professora?"
"– Não é "ebulição" é o Dia da poluição! Respondeu outro aluno."
Diante disso, pude observar a falta de conhecimento das crianças acerca do assunto,

a partir disso fiz um paralelo com a primeira resposta dada por um dos alunos, "– É o Dia da Abolição dos escravos!". Visto que já traziam um conhecimento prévio a respeito do tema, procurei inicialmente trabalhar o significado das palavras abolição e poluição, para notarem a diferença entre elas. Ao esmiuçar a palavra abolição, ressaltei aos alunos que a escravidão ocorreu em todo o continente americano, porém o Brasil ficou como o último país a aderir a libertação dos escravos, pressionados por outros países, citei a Lei Áurea assinada pela Princesa Isabel, também citei o mito da abolição, procurei levar ao conhecimento dos alunos que

mesmo libertos os negros não tiveram recursos para sobreviver, mantendo-se marginalizados da sociedade e como isso se reflete até os dias de hoje.

Para mostrar aos alunos a situação dos negros após a Lei Áurea, falei sobre os Quilombos, local de refúgio das pessoas que eram excluídas do convívio social - não apenas negros, imigrantes e indígenas, também buscavam os quilombos como refúgio – Salientei que Quilombos eram organizações bem estruturadas e constituídas a partir do coletivo, onde todos lutavam juntos para a melhores condições de vida, a partir disso, solicitei aos alunos uma pesquisa sobre o dia 20 de Novembro e quem foi o líder do Quilombo melhor estruturado do Brasil, orientei que pedissem ajuda para seus pais e familiares e trouxessem para a sala todos os dados que levantassem.

Para surpresa, 70% da sala trouxe os dados da pesquisa que fizeram juntos os seus familiares, foi gratificante ver o envolvimento dos familiares em relação à pesquisa, ao final da aula, a mãe de um aluno me abordou e disse que ficou muito feliz em ver o empenho do filho na realização da atividade proposta, na qual pode ajudá-lo e aprender mais sobre o significado do dia 20 de novembro.

Através dos dados levantados, começamos a falar sobre Zumbi dos Palmares, quem foi e como lutou pela igualdade, sua garra e coragem. Chegamos então ao real significado da data 20 de novembro, o aniversário da morte de Zumbi dos Palmares.

Também tive a oportunidade de relatar aos alunos minha viagem á Moçambique na África no dia 26 setembro de 2007, lá participei de um projeto realizado em uma escola pública, onde pude observar nos alunos moçambicanos o compromisso com a pátria, pois todos os dias no início das aulas, cantavam o hino nacional, são crianças pacíficas, procuram apresentar-se sempre uniformizados, mesmo estando com os trajes gastos[3].

Algo que me chamou a atenção foram as salas ambientes que a cada troca de aula, as crianças têm um intervalo de dez minutos para se refazerem, brincar e lanchar, desse modo concentram-se melhor e assimilam melhor os conteúdos em sala de aula.

Demos início no projeto desde o final do mês de outubro para fechar o projeto com apresentações de dança e teatro e exposição dos trabalhos artesanais feitos pelas crianças.

Em uma das atividades em sala de aula abordei a questão da diversidade racial, com roda de conversa, respeitando a pouca idade das crianças e utilizando vocabulário que eles conhecem, de forma que compreendessem melhor o que queria

passar, após a leitura do livro, A Menina Bonita do Laço de Fita, da autora Ana Maria Machado, que conta a história de uma menina negra e um coelhinho branco que deseja ficar com os pelos negros da mesma cor da pele da menina, as crianças se entusiasmaram com a história dando liberdade para que daí pudesse introduzir o assunto diversidade cultural, ao conversar com as crianças, me baseava no exemplo do livro, a menina de pele negra era considerada bela, de tal forma que despertava a vontade no coelho de tornar- se negro como ela, ressaltei a beleza negra, as características do rosto, do corpo e do cabelo afro, com a música, "Sorriso Negro" de Ivone Lara, que enfatiza a beleza afro, expliquei a letra da música e em seguida ensaiamos uma coreografia para a canção.

Um sorriso negro, um abraço negro, Traz felicidade,
Negro sem emprego, fica sem sossego Negro é a raiz da liberdade,
Negro é uma cor de respeito, Negro é inspiração,
Negro é silêncio, é luto, Negro é a solução,
Negro que já foi escravo,
Negro é a voz da verdade, Negro é destino é

amor,
Negro também é saudade (um sorriso negro!).
Num segundo momento, com as crianças já sabendo das características dos negros, solicitei que confeccionassem uma bonequinha negra, com duas cartolinas no chão, pedi que uma criança se deitasse sobre a cartolina e que outra criança traçasse com giz preto a silhueta no papel, com a silhueta traçada fomos montando a boneca com a ajuda das crianças, dispus os materiais (lã preta, tesoura, cola, botões coloridos, tecidos diversos e colares) iniciamos a montagem de acordo com a orientação dos alunos:

- Como será o cabelo da nossa boneca?
- Coloca a lã preta, professora!
- Vamos trançar o cabelo dela!

A boneca ficou muito bonita e agradou a todos, pois foi feita com a colaboração da sala toda.

Nosso produto final foi apresentado no dia 11 de novembro de 2017, a escola foi aberta para os pais e comunidade em torno da escola. Abordando o tema Consciência Negra, iniciamos com a fala da coordenadora pedagógica da Unidade, conversando com os pais sobre a importância dessa data, ressaltando a contribuição do negro para a sociedade brasileira. As salas foram decoradas com os trabalhos das crianças e dentre elas nossa bonequinha preta.
Identidade é um tema que deve ser discutido de forma interdisciplinar e transdisciplinar, para que as exclusões sejam combatidas de forma democrática, diante dessa realidade trazemos uma proposta pedagógica: Um projeto de leitura "Novos Olhares para a Educação" com leituras de contos, lendas e histórias da África e afro-brasileiras para ser trabalhadas em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desenvolvimento deste trabalho foi, para nós que o promovemos, um desafio e uma fonte de significativas aprendizagens. Temos dessa forma, uma série de recomendações a fazer.
Em primeiro, para fazer frente ao mito da democracia racial, é de fundamental importância reconhecer o racismo que ainda permeia nossa sociedade, consequentemente, nossas escolas, e pautá-lo sem receios de enfrentar as tensões. A resolução efetiva de conflitos pressupõe primeiro a explicitação destes conflitos, a possibilidade de, a partir do diálogo e do debate resolvê-los de fato. No entanto o não- conhecimento do conflito impede sua efetiva resolução.
Segundo entender que a escola tem um papel central no processo de reeducação das relações étnico-raciais, e, portanto, precisa assumir seu papel transformador, pautando sistematicamente questões conflituosas, promovendo junto à sua comunidade com projetos políticos pedagógicos que priorizem o diálogo e o debate aberto e plural. O projeto político pedagógico é o eixo central para nortear as ações com participação coletiva, deve ser o ponto de encontro da implementação da lei no âmbito da escola. É importante que todos os profissionais se sintam apropriados deste projeto coletivo, incluindo todos da escola, professores, alunos, pais ou responsáveis, direção e funcionários.
Terceiro, dirige-se a escolas e Instituições de Ensino Superior, as mudanças no padrão das relações étnico-raciais e a implementação da Lei 10.639/03, envolve trabalho coletivo, implicando abordagens interdisciplinares dentre diferentes atores da

comunidade escolar, apoiado na possibilidade de encontros de formação para professores e abordagem do tema nos cursos de formação a futuros professores.
Por último, recomendamos a existência de diversos materiais didáticos para tratar a questão étnica racial dentro da sala de aula, que a escola se atente também, dos materiais impressos e áudios-visuais, que contatamos a existência, de disponibilidade nas escolas e poderiam ser mais bem explorados.
Ao refletirmos sobre o preconceito chegamos á conclusão de que ele é causado pela ignorância, ou seja, pelo não conhecimento do outro que é diferente, muitas vezes o diferente nos assusta, pois estamos adaptados a conviver com nossos semelhantes e por estar acostumados com o que nos é familiar temos a tendência de rejeitar o que nos parece diferente.
"É preciso aprender a navegar em um ocea-

no de incertezas em meio a
arquipélagos de certezas" (Edgar Morin, 2000, p. 16)

É difícil encarar o diferente, encarar as incertezas de que o outro é como nós. Na verdade, muitos de nós tememos o diferente, pois fomos educados com a ideia de apenas nosso mundo é o certo, o ideal, o único e consequentemente passaram a não aceitar o novo, por medo de sair do nosso mundo e nos decepcionar.

BIBLIOGRAFIA

GOMES, Flávio dos Santos. De olho em Zumbi dos Palmares, histórias, símbolos e memória social. São Paulo - Editora Companhia das Letras, 2011.

JESUS, Maria de Jesus. Quarto de Despejo – Diário de Uma Favelada. São Paulo- Editora Ática,1960.

MOORE, Carlos W. Racismo na sociedade. Brasil - Editora Mazza, 2007. MORIN, Edgar. A Educação do futuro. São Paulo – Editora Cortez, 2000.

MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na Escola. Brasília - Edições MEC/ BID/ UNESCO,1999.

OLIVEIRA, Raquel de. Tramas da cor – Enfrentando o Preconceito no Dia-a-dia Escolar. Editora Selo Negro, 2005.